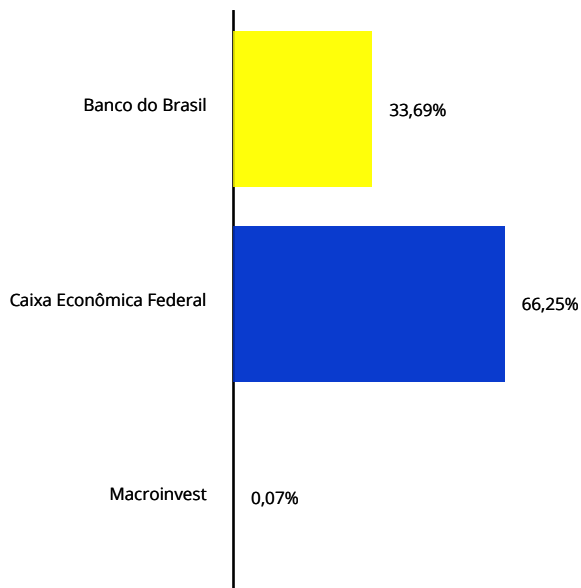


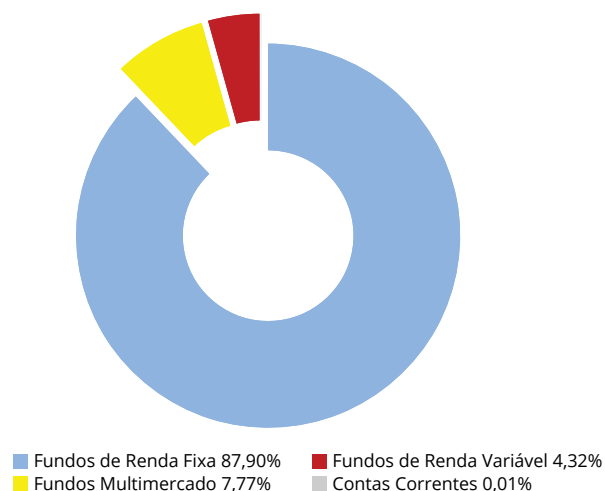
Os recursos do IPREANCARLOS são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



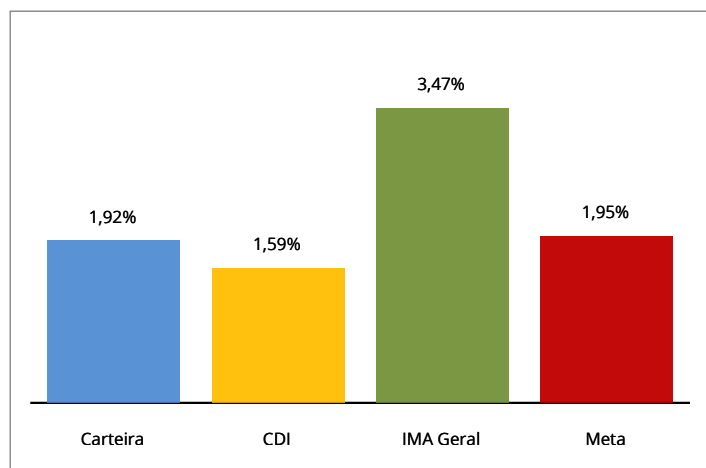
Distribuição da Carteira por Segmento



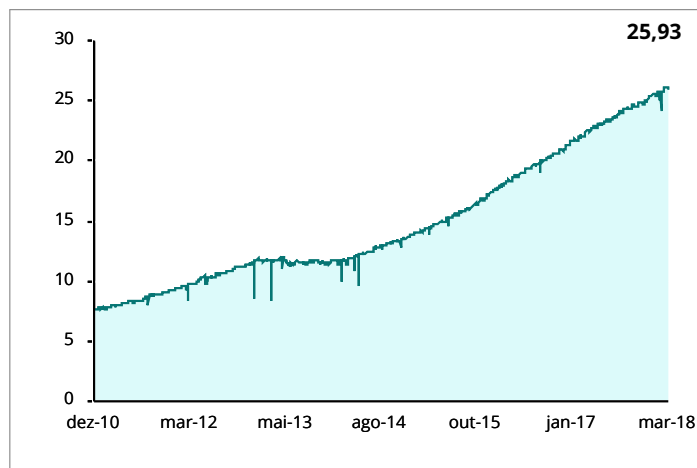
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
IPREANCARLOS	0,64%	1,92%	9,46%
CDI	0,53%	1,59%	8,66%
IMA Geral	0,96%	3,47%	10,99%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,56%	1,95%	7,83%

Carteira x Indicadores em 2018



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do IPREANCARLOS tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.



Análise Macroeconômica

Em março, o Comitê de Política Monetária do Banco Central americano (FOMC) elevou a taxa básica de juros do intervalo de 1,25% a 1,50% para o intervalo de 1,50% a 1,75% a.a., em linha com o que nós e praticamente todo o mercado estávamos esperando. A mediana dos diretores do FOMC seguiu esperando que a taxa de juros termine 2018 em torno de 2,1% (três altas de juros no total, como esperamos) e 2019 termine com juros em torno de 2,9%. Antes a mediana dos membros mostrava o juro um pouco menor ao final de 2019, em torno de 2,7%. Além disso, os membros reduziram sua projeção de Nairu (Non-accelerating inflation rate of unemployment – “taxa de desemprego não aceleradora de inflação”), de 4,6% para 4,5%. Isso significa que, para eles, o desemprego em 4,5% seria o nível de “pleno emprego” que não deixaria a inflação acima da meta. Como o desemprego de março ficou em 4,1%, há pressão sobre o nível de preços, mas relativamente moderada.

Na Área do Euro, a política monetária seguiu estimulativa, com uma pequena alteração na visão do Banco Central Europeu (BCE) sobre seus próximos passos. Anteriormente, o BCE indicava que poderia estender seu programa de compras de ativos além de setembro, mas agora tirou essa possibilidade de seu comunicado. Isso parece ter ocorrido pelo fato de o BCE estar mais confiante sobre a atividade econômica da região, o que é mais importante para dar fundamento aos mercados do que a liquidez que o BCE coloca na economia. Na China, mais uma vez os indicadores corroboram com crescimento forte à frente. As investidas de Trump com relação à política comercial são um ponto de risco, que deve ser mitigado quando os dois países aceitarem sentar para conversar.

No Brasil, março foi o mês da janela partidária, em que os políticos trocam de partidos, o que deixou os projetos na Câmara e no Senado parados. As eleições começaram a ganhar os primeiros contornos e a se tornar o foco mais importante para os mercados e a economia brasileira.

Até as eleições, está claro que o cenário econômico brasileiro é de inflação baixa, próxima ao piso da meta (3%) e atividade econômica em recuperação, ainda que fraquejada em um mês ou outro. Este cenário fez o Comitê de Política Monetária cortar a meta da Taxa Selic para 6,5% e, surpreendentemente, indicar um novo corte da Selic em sua reunião seguinte como um cenário altamente provável. Esperávamos que o Copom indicasse que haveria uma “porta semi-aberta” para o corte de maio, e nos surpreendemos com a tranquilidade do Comitê em indicar este corte.

De volta ao cenário político, no início de abril o ex-presidente Lula foi preso. Apesar de existirem chances de ele ser solto, não há a possibilidade de ser efetivamente candidato nas eleições. Os nomes mais fortes, assim, parecem ser Jair Bolsonaro (PSL-RJ), Henrique Meirelles (MDB-GO) e Joaquim Barbosa (PSB-RJ) - os três filiados a seus partidos recentemente, sendo os dois últimos nos primeiros dias de abril. Geraldo Alckmin (PSDB-SP), apesar de sua experiência política, não está em nosso cenário como um candidato com chances reais de se eleger.

Dentre os três nomes mais fortes, Meirelles é certamente o único que, se eleito, permitiria que se afirmasse categoricamente que a população brasileira é favorável à reforma da previdência e, portanto, que tal reforma será aprovada. Joaquim Barbosa, com um famoso histórico como juiz do Mensalão, é um nome que deve agradar parte relevante do eleitorado. No entanto, quando ele se posicionou sobre a Reforma da Previdência, foi sucinto ao apenas afirmar que “não reduz privilégios”. Assim, sua opinião sobre esta indispensável reforma ainda não está clara. Candidato mais à direita, Jair Bolsonaro há alguns meses adotou o economista Paulo Guedes como seu conselheiro - e isto o tem ajudado a falar com mais seriedade sobre economia e a se apresentar como um nome reformista. Apesar disso, sua vitória nas eleições não traria necessariamente a aprovação da reforma da previdência: seu estilo pouco conciliador poderia dificultar esta aprovação.

NOSSAS PROJEÇÕES: 2018 // 2019
PIB (% de crescimento): 3,2% // 3,0%
Meta Taxa Selic: 6,25% // 7,25%
IPCA: 3,7% // 4,2%

Renda Fixa

No mês de março vimos o mercado com reforço de tendências tanto positivas quanto negativas.

Nos EUA, a bolsa sofreu outra forte realização devido ao anúncio dos aumentos de barreiras tarifárias impostas pelo presidente Trump, causando grandes incertezas sobre o futuro do comércio global. A resposta dada pelo FED



foi bastante neutra, dadas as incertezas futuras, puxando a taxa do FED Funds como já era esperado, mas de certa forma assumindo que não é possível prever a reação da economia perante as medidas econômicas que vem sendo adotadas esse ano nos EUA. Apesar disso, o yield (rendimento) das Treasuries permaneceu estável, com volatilidade dentro do esperado.

No Brasil tivemos uma surpresa no COPOM. A taxa SELIC foi reduzida em 25bps como esperado, mas no comunicado, o BC apresentou “viés de baixa” para a reunião de maio, fato inédito no momento em que se discute o fim do ciclo. Apesar de considerarmos a possibilidade de uma eventual queda em maio, devido a inflação mais baixa, o comunicado fez o mercado abrir com um gap de 25 a 30 bps no dia seguinte à reunião. A afirmação de uma próxima queda com quase 100% de confiança, gerou uma apreensão no mercado em geral, fazendo a curva de juros inclinar em um movimento contrário ao que prevíamos.

Além disso nos últimos dias do mês, o adiamento do julgamento do habeas corpus do ex-presidente Lula também causou bastante nervosismo, reforçando o movimento de alta no dólar, já iniciado com a queda inesperada nos juros.

Ao que parece o calendário eleitoral está sendo adiantado em alguns meses, diferente do que esperávamos. Nossa expectativa é de maior volatilidade daqui para frente.

Renda Variável

Em mês de fechamento de trimestre observamos a continuidade do aumento da volatilidade dos mercados internacionais. Algumas correções significativas, dada a intenção dos EUA em tarifar suas importações, bem como pelas reações da Europa e principalmente China, que ameaça sobretaxar com o mesmo peso os produtos americanos. Contudo ainda acreditamos que o crescimento dos países desenvolvidos seguirá forte.

No Brasil, os mercados se mostraram resilientes, com Ibovespa de lado dando sinais de fim (ou pausa) no rally de alta que vem desde o início do ano. O front político ficou novamente em destaque, com julgamento de HC no STF alterado para início de abril. Além disso houve, pela Polícia Federal, a instauração de uma nova fase da operação SKALA, colocando Temer novamente sob pressão.

Por fim ressaltamos a importância de se acompanhar os mercados internacionais com certa cautela, dado o aumento de percepção do risco sistêmico, e também observar a movimentação partidária no Brasil com o intuito de se traçar possíveis cenários eleitorais.